——Recebemos vários volumes de poesias que têm sido publicados ultimamente: «O Reino de Deus» de Campos de Figueiredo, «Mar de Sangaços» de Fernando Namora e «Búzio» por João José Cochofel. Tôdas estas edições, bem apresentadas, são da Livraria Atlântida—Coimbra.

——Nunca é demais salientar o papel cultural de vulgarização que pode desempenhar a imprensa da província. Um dos jornais que não descuram êste aspecto é «O Trabalho», de Vizeu, que nas suas colunas tem mantido um nível de cultura notável, através da colaboração de Abel Salazar, Agostinho da Silva, Daniel, Maria Selma, etc. Ultimamente iniciou «O Trabalho» um inquérito aos intelectuais, subordinado ao têma: «Como deve orientar-se uma cultura popular?». Saíram já três interessantes depoimentos de Armando Ventura Ferreira, João Alberto e Luiz de Sanjusto.

——Saiu recentemente um estudo de João Correia Guimarãis, com prefácio de Abel Salazar, sôbre «O nosso século». Atendendo à importância actual dos assuntos focados, faremos brevemente uma análise da obra.

——Celebrou-se em vários pontos do país o centenário do nascimento de Júlio Denis. Devido à acumulação de original na redacção, «Sol Nascente» só no próximo número publicará o trabalho sôbre aquele romancista, que deveria sair no presente.

——Recebemos uma tentativa de ensaio crítico do Sr. Manuel Anselmo: «A poesia de Jorge de Lima».

——Recebemos o fascículo 17 da «História Universal» de Macedo Mendes. Aconselhamos os nossos leitores a que antes de resolverem comprar esta obra leiam a admirável crítica que Vitorino de Magalhãis Godinho lhe fez no n.º 250 de **O Diabo**.

——Está publicado mais um caderno colonial sôbre «Sá da Bandeira», da autoria do coronel Henrique Pires Monteiro. Edições Cosmos, Lisboa.

——A nova editorial «Claridade», a que nos referimos no último número, enviou-nos «Um amor desconcertante» (contos), por Fernando de Araújo Lima.

——«O Diabo» continua afoitamente a trilhar o seu caminho, mais definido e mais consciente de semana a semana. Através dos seus quási 300 números, esfôrço inédito e heroico entre nós, através de obstáculos e deserções de tôda a ordem, tem conseguido cimentar uma obra de esclarecimento e de cultura. Esclarecimento que não é uma mistificação, por **camisas de fôrças** idealistas impostas às coisas. Cultura que não é um afastamento e uma traição aos dramas da rua que angustiam a consciência humana da nossa época.

Nas horas mais difíceis da campanha que sustentamos em prol duma visão realista e dialética do mundo, temos sentido sempre, isolado mas firme, ao lado do nosso esfôrço o seu esfôrço de irmão mais velho e que mais amiudadamente toma contacto com o público. Sem o seu apoio, talvez a nossa obra fôsse demasiado pesada para os nossos ombros e porventura não encontraríamos para ela a compreensão que hoje existe.

Sentimos assim um duplo regosijo em felicitar «O Diabo» pela feição que ultimamente vem tomando e que, duma maneira geral, é já a daquele **humanismo humano** por que vimos pugnando.

crítica

GLÓRIA

Uma aldeia do Ribatejo

por—ALVES REDOL

São infelizmente raros, em Portugal, os trabalhos de etnografia, e, os que aparecem, são na sua maioria mal orientados. O seu estudo é feito por iniciativa particular de poucos, quando devia ser organizado e mantido pelas entidades oficiais. Para a compreensão do povo o conhecimento etnográfico é indispensável: aí se analisam os seus processos de trabalho, os seus utensílios, as riquezas que exploram e, através do seu folclore, tôda uma concepção da vida, uma ciência e uma norma de conduta. Nos processos de cultivo, nos utensílios, há tôda a evolução duma técnica, o resultado de milhares de pequenas experiências quotidianas; na linguagem, nas canções, como ali, se notam as influências de povos vindos de outras regiões, e a fixação, como a rota das emigrações, pode assim ser conhecida. A poesia do camponês, a cantiga da massa anónima do trabalhador, é directa, ingénua, sem os arrebiques do preciosismo, realista, é nela que as suas impressões da vida vão sendo gravadas—amor, morte, trabalho, etc. Encontro em Paul Lafargue *(Critiques litteraires)* êste magnífico depoimento dum cantor popular: «Como não sei ler nem escrever, para não esquecer esta história faço uma canção». Assim elas são um esplêndido campo de estudo, documentos preciosos. Diz ainda Lafargue, o grande crítico materailista francês: «nascem nos lábios, teem um grande valor histórico além de outros; pode-se, consultando-as, encontrar os costumes, os pensamentos e os sentimentos da multidão anónima de que se ocupam tão pouco a história e as crónicas»; «nascida não se sabe onde, recolhida e transmitida oralmente, é a expressão fiel, ingénua, espontânea, da alma do povo, a confidente das suas alegrias e das suas dôres, o compêndio da sua ciência, da sua teogonia e da sua cosmografia».

Por aqui se vê a importância que êste estudo tem e a atenção que devia merecer, uma vez estabelecido que só um conhecimento real e concreto das condições de vida dos povos pode levar e ensinar quanto à sua modificação. Daqui, também, a simpatia com que recebemos e lemos o trabalho de Alves Redol.

«Glória» é uma tentativa séria de nos dar a vida duma aldeia do Ribatejo, e afirma-se desde já que o consegue.

Num primeiro esbôço é a *Terra* que se pinta, a sua evolução de terreno de caça, do foral de D. Pedro I (curioso por sinal), a povoação agrícola, após a conquista heroica que foi o desbravamento da charneca. Em seguida é a gente que se nos apresenta, alentejões, ribatejanos e homens do mar vindos de pontos cardiais diferentes, cruzando-se e assimilando-se costumes e falas. Vem depois as condições de trabalho e as riquezas da terra cada uma de per si em capítulo especial; ao lado do aspecto técnico e social a anotação precisa do têrmo.

Fechada esta parte de ergografia abre-se uma outra onde se fixa um folclore bastante rico. Primeiro a casa, calada e limpa, depois o traje, moldando os costumes. Alves Redol mostra aos nossos olhos o formar dum lar e o seu fim: o primeiro olhar no baile, o namôro, a troca de prendas e a vida militar, depois o casamento e, por fim, a morte. E, neste rápido fílme, passam costumes e têrmos, modos e dizeres, com aquele talento literário sempre presente que constitui um dos motivos de agrado do livro, e culmina quando nas danças, entre o vira, o verde-gaio, o bailarico, a remexida e a valsa serena, nos pinta um fandango admirável, vivo e ágil, dinâmico.

No virar da fôlha encontramos os jogos infantis, aqui revestidos da sua importância global como exercícios de adestramento e adaptação social. Alves Redol finaliza êste capítulo com esta citação de Kilpatrick: «o jôgo é um dos mais efectivos meios de aprender a trabalhar».

No *Cancioneiro*, cantigas anónimas do povo ao lado dum poeta do povo, João Caneiro. Cantigas de amor, de trabalho, ironia, saudade, umas de recorte literário, de harmonia segura, outras dum sentido agudo da realidade, tôdas expressão dos sentimentos, da alma do bom povo da Glória.

Aqui é a dedicação ao seu amor, a entrega sem condições,

Dá o teu ao teu amor,
Se êle te ama de contado.

além, a pena dum querer abandonado

Choram as pedras da rua
Por meu amor me deixar.

ou a ironia de «Mulhar ingrata», diálogo de mal casados. Nesta canção o trabalho é considerado com o único valor social

Trabalha homem trabalha
Se queres ter algum valor;

*

nesta outra é a tremenda injustiça que pesa sôbre o trabalhador, o motivo da canção:

O' minha mãi dos trabalhos
Para quem trabalho eu?
Trabalho mato o meu corpo,
Não tenho nada de meu!...

Canções em que a vida se vai fixando, uma queixa, um amor, uma ironia; agora o poeta encontrou na vida que vai vivendo o «ferro» da sua morte:

—O' homem que ferro é êste
Que tu andas trabalhando?
—Isto é o ferro da morte
Que o meu corpo vai matando.

Antes de fechar esta crítica desejo apontar uma falta que me pareceu existir no livro: um capítulo dedicado aos provérbios, especialmente àqueles que se relacionam com a vida agrícola. Eles são o verdadeiro calendário do camponês, ciência acumulada e transmitida oralmente através dos lustres.

JOAQUIM NAMORADO